

São Paulo, 21 de fevereiro de 2013

ISA-033-21FEV13

Superintendência do Iphan em São Paulo  
Av. Angélica, nº 626 - Bairro Santa Cecília  
CEP 01.228-000 São Paulo - SP

Sra. Anna Beatriz Ayrosa Galvão, Superintendente do Iphan - SP

**Assunto: Solicitação Registro do Sistema Agrícola de Comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira**

Prezada Senhora,

O Instituto Socioambiental (ISA), associação privada sem fins lucrativos, qualificada como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) desde 2001, inscrita no CNPJ sob o Nº 00.081.906/0001-88, vem solicitar ao Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional (IPHAN) a abertura do processo de Registro do Sistema Agrícola de Comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira - SP como um bem cultural que integra o patrimônio imaterial brasileiro, conforme Decreto 3551/2000. O pedido é resultado do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) aplicado por este Instituto em parceria com as associações quilombolas entre 2009 e 2012, e do entendimento dos quilombolas sobre os encaminhamentos necessários para criar mecanismos de salvaguarda de seu modo de vida.

O Inventário revelou a centralidade do sistema agrícola e as ameaças que as transformações sociais no campo impõem à sua existência em comunidades tradicionais quilombolas. O sistema agrícola é composto por 79 bens culturais, dos 180 bens inventariados. Fazem parte desta lista bens classificados nas categorias de celebrações, formas de expressão, lugares, ofícios e modos de fazer e edificações, evidenciando que o sistema agrícola é estruturante do modo de vida nos quilombos do Vale do Ribeira. Parte destes bens culturais encontra-se em condição de ruína ou memória, apontando a urgência em salvaguardar as práticas e conhecimentos associados.

Encaminhamos em anexo as cartas de anuência das associações quilombolas que respaldam a presente solicitação e um texto contendo os resultados do Inventário e informações preliminares sobre Sistema Agrícola Quilombola.

Colocamo-nos à disposição para prestar quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

Atenciosamente,

  
Nilto Ignácio Tatto  
Coordenador do Programa Vale do Ribeira  
Instituto Socioambiental



**EM BRANCO**



## Registro do Sistema Agrícola Quilombola



**Texto de referência para elaboração de proposta de Registro do sistema agrícola e ações de fomento às expressões culturais de comunidades quilombolas do Vale do Ribeira**

### **Apresentação**

O projeto Inventário de Referências Culturais de Comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira, realizado pelo Instituto Socioambiental (ISA) em parceria com 16 associações quilombolas e com a Equipe de Assessoria e Articulação de Comunidades Negras (EAACONE) aplicou a metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) do Iphan conforme sistemática do Decreto 3551/2000.

Ao longo de 3 anos (2009 a 2012), o projeto capacitou agentes culturais locais e inventariou bens culturais referentes às Celebrações, Formas de Expressão, Ofícios e Modos de Fazer, Lugares e Edificações em 16 territórios quilombola do Vale do Ribeira.

Terminado o Inventário, as comunidades quilombolas reunidas com as instituições parceiras e o Iphan durante Seminário Final do Projeto, em 14 de Outubro de 2011, avaliaram os resultados e impactos do projeto e discutiram os encaminhamentos relacionados à continuidade de valorização e proteção dos bens culturais quilombolas. Nesta ocasião ficou definido que o registro de bens culturais é uma das ações prioritárias para manutenção do patrimônio cultural (ver notícia publicada em anexo).

### **Resultados do INRC aplicado nos Quilombos do Vale Ribeira**

**Sítio inventariado:** Vale do Ribeira

**Localidades:** Quilombo Abobral, Quilombo Bombas, Quilombo Cangume, Quilombo Galvão, Quilombo Ivaporunduva, Quilombo Mandira, Quilombo Maria Rosa, Quilombo Morro seco, Quilombo Nhunguara, Quilombo Pedro Cubas, Quilombo Pedro Cubas de Cima, Quilombo Pilões, Quilombo Porto Velho, Quilombo Praia Grande, Quilombo São Pedro, Quilombo Sapatu

**População total:** 655 famílias / 2.364 pessoas (ISA, 2008. Estima-se crescimento)

**Questionários aplicados:** 590

**Fichas de Identificação elaboradas:** 180

**Celebrações:** 29

**Formas de Expressão:** 24

**Ofícios e Modos de Fazer:** 23

**Lugares:** 74

**Edificações:** 40

**Bens culturais inventariados (incidência nos 16 territórios):** 536

### **Bens culturais relacionados ao sistema agrícola**

Dos 180 bens culturais inventariados, 79 estão associados à produção agrícola. Os resultados do inventário revelaram que o sistema agrícola, definido pelo conjunto de ofícios e modos de fazer, celebrações, formas de expressão, lugares e edificações associados são estruturantes do modo de

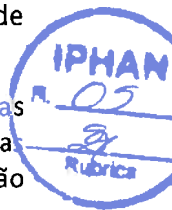


**EM BRANCO**



vida quilombola e que uma série de conhecimentos e práticas está ameaçado pelo processo de transformações sociais no campo.

**Celebrações:** 13 celebrações envolvem tradicionalmente a partilha de alimentos da roça. Nas celebrações religiosas, os festeiros ofertam o alimento os ritos litúrgicos na igreja ou na casa. Nas festas promovidas para arrecadar recursos para associação quilombola, os produtos da roça são vendidos.



**Formas de Expressão:** 18 bens culturais desta categoria possuem relação com eventos nos quais a partilha do alimento da roça está presente. Boa parte dos passos de dança inventariados são praticados em puxirões de colheita e estão deixando de existir em virtude da diminuição do trabalho agrícola. Romarias de São Gonçalo, Guardações (velórios) e Mesada dos Anjos também são ocasiões em que o anfitrião fornece o alimento produzido na roça.

**Ofícios e Modos de Fazer:** 11 bens culturais estão diretamente associados ao trabalho agrícola. São os conhecimentos sobre o Modo de Fazer Roça; os processamentos do arroz, milho, cana e mandioca; ofícios de artesão e carpinteiro; o ofício de canoeiro, aquele que transportou, historicamente, a produção para comercialização; e a prática dos puxirões e outras modalidades de trabalho coletivo aplicados no cumprimento de tarefas agrícolas.

**Lugares:** 36 locais são relevantes por serem áreas de plantio antigas ou atuais, por serem caminhos que levam a estas áreas ou caminhos de tropa, abertos para o transporte de mercadorias da roça para serem comercializadas.

**Edificações:** Os tráficos de farinha de mandioca e paióis presentes em todas as comunidades têm relação direta com o trabalho agrícola e tornam-se obsoletos com o declínio do trabalho agrícola.

As considerações e recomendações que subsidiam o pedido do registro do sistema agrícola segue no final do relatório do INRC, encaminhado junto com este texto.



**EM BRANCO**



## Aspectos do Sistema Agrícola Quilombola

O trabalho agrícola é a principal atividade produtiva nos quilombos do Vale do Ribeira. O Modo de Fazer Roça é o bem cultural mais difundido e íntegro do inventário de referências culturais realizado nos 16 quilombos.

Empenhados em produzir alimento para o sustento das famílias, homens e mulheres cultivam arroz, feijão, milho, mandioca, cana, abóbora, banana, pepino e uma variedade de outros tubérculos, verduras, hortaliças e frutas. Os quilombolas empregam o sistema de corte e queima, conhecido como coivara, e fazem um rodízio das áreas de plantio, deixando-as em pousio por alguns anos até voltarem a ser produtivas. Boa parte dos territórios é ocupada pelas tigueras e capoeiras, áreas antigas de plantio que estão em fase de regeneração. O modo de fazer roça das comunidades quilombolas do Vale do Ribeira fornece subsídios para aquecer o atual debate científico acerca do sistema de coivara, que têm demonstrado que as roças aumentam a biodiversidade na mata atlântica e atraem a fauna silvestre. As pesquisas buscam entender os impactos do uso do fogo e do pousio para o bioma da Mata Atlântica<sup>1</sup>

Mas as roças não são importantes apenas para a segurança alimentar das comunidades quilombolas e para a biodiversidade da Mata Atlântica. Elas são a base de sustentação de diversas expressões culturais abordadas neste relatório. Não por acaso, o Modo de Fazer Roça aparece como bem cultural associado a diversos temas. A produção alimentar está relacionada a um conjunto de saberes e práticas ancorados em valores e relações familiares e comunitárias. Este conjunto é a base da organização social e cultural quilombola no qual a roça assume posição central e estruturante. Por essa razão, se a roça decai, leva consigo outros aspectos importantes do patrimônio cultural das comunidades quilombolas.

O sistema agrícola é formado de saberes, práticas, valores e relações. Na descrição das partes que formam o sistema agrícola quilombola podemos destacar 7 aspectos: 1) os conhecimentos relacionados ao cultivo e manutenção de sementes crioulas 2) conhecimentos relacionados ao processamento dos produtos da roça 3) a fabricação de artefatos e utensílios utilizados no âmbito da produção e processamento dos alimentos 4) diversas modalidades de trabalho coletivos e os bailes e danças tradicionais associados 5) a relação entre roça e religião e o uso dos alimentos nas celebrações religiosas 6) apropriação do território e conhecimento do solo por meio do trabalho agrícola 7) os contextos de transmissão do conhecimento por meio da experiência e de narrativas orais, que atualizam o repertório de saberes e de histórias sobre o lugar e a comunidade para as novas gerações.

### O cultivo

O trabalho na roça mantém viva no agricultor a necessidade de desenvolver uma percepção atenta das características florestais, do solo, dos ciclos naturais das plantas cultivadas e das condições climáticas da região. Estes conhecimentos são essenciais para que o cultivo seja bem sucedido. É preciso escolher o melhor solo, saber a época e técnicas de plantio para cada tipo de planta, escolher as sementes saudáveis, a quantidade de sementes adequada para o tamanho da área, plantar com a distância certa, fazer um acero seguro para evitar queimadas fora da área de plantio,

<sup>1</sup> Ver artigo: *Diversifying Incomes and Losing Landscape Complexity in Quilombola Shifting Cultivation Communities of the Atlantic Rainforest (Brazil)* de Cristina Adams & Lucia Chamlian Munari & Nathalie Van Vliet Rui Sergio Sereni Murrieta & Barbara Ann Piperata & Celia Fudemma Nelson Novaes Pedroso Jr. & Carolina Santos Taqueda Mirella Abrahão Crevelaro & Vânia Luísa Sprezza-Prado, 2012.



EM BRANCO



carpir, cuidar da plantação ao longo do desenvolvimento da planta, atentar para a época e técnicas adequadas de colheita. Estes saberes estão muito presentes entre os agricultores quilombolas, que se tornaram conhecidos na região do Vale do Ribeira por suas roças fartas, variadas e tradicionalmente livres de insumos químicos.

Depois de cerca de 3 anos em pousio, as áreas de roça deixam de ser chamadas de tiguera e passam a ser chamadas de capoeira. Nas tiguera é possível replantar mandioca, cana, feijão, taiá, batata doce e diversas outras culturas. O cultivo de arroz e milho, entretanto, deve ser em área regenerada. Os períodos de plantio de cada cultura mudam conforme a região. Mesmo em comunidades próximas, pode haver variação na definição dos meses certos para o plantio da mesma cultura. Foram indicados, por exemplo no baixo Vale, que os meses de plantio para as diversas culturas, variam de junho a novembro. No alto vale, onde o inverno tem temperaturas muito baixas, espera-se até agosto, porque o frio pode matar as plantas pequenas. No médio vale, o agricultor opta por plantar feijão em fevereiro, julho e setembro; e o arroz é plantado entre os meses de agosto a dezembro e o milho em junho e julho.

Um dos gargalos do sistema agrícola quilombola têm sido obter as licenças para abertura de áreas de capoeira para estes cultivos.



Bombas: lavrador plantando feijão. Foto: Anna Maria Andrade/ISA



**EM BRANCO**



Praia Grande: lavradora cuida do arrozal que cultivou. Foto: Anna Maria Andrade / ISA



Cangume: roça de coivara, técnica tradicional aplicada pelos quilombolas do Vale do Ribeira. Foto: Anna Maria Andrade/ISA

11/11/2017



EM BRANCO

## Cultura material envolvida no processamento dos alimentos

Para tornar-se alimento, os produtos da roça devem ser processados. Para isso, os quilombolas fabricam diversos artefatos, ferramentas e utensílios. A fabricação destes artefatos só é possível porque os quilombolas conhecem as propriedades dos recursos naturais disponíveis em seu território. São artesãos e carpinteiros locais que utilizam diversos tipos de madeira e fibras naturais para confecção de monjolos, moendas, pilões, rodas de ralar mandioca, gamelas, peneiras, apás, balaio, tipitis, cestos e uma infinidade de outros utensílios usados no cotidiano.

Os monjolos e pilões são lavrados em madeira de cerne e usados para socar arroz, milho, café e amendoim. As peças trançadas de taquara são o apá (para abanar arroz, fazer a limpeza de outros grãos, acondicionar feijão, massa da mandioca e outros alimentos); peneiras (para peneirar alimentos socados no pilão e outros, como massa da mandioca durante a produção de farinha); peneira sururuca (especialmente utilizada na produção da farinha de milho). Com o taquaruçu, os quilombolas tecem grandes cestos colocados nos burros para transporte dos produtos da roça. De cipó timbopeva são feitos os tipitis e uma série de balaio e cestos, de tamanhos e formatos variáveis, para transportar e guardar alimentos.

Pequenos objetos em madeira, como gamelas, colheres de pau, pás de mexer farinha são outros objetos desta rica cultura material produzida pelos quilombolas para uso no dia a dia.



Praia Grande: moenda de cana. Foto: Anna Maria Andrade/ISA



**EM BRANCO**



Ivaporunduva: pilão utilizado para socar amendoim no preparo do cuscuz de arroz. Foto: Felipe Leal / ISA



EM BRANCO





Praia Grande: peneira sendo produzida por artesã local. Foto: Anna Maria Andrade/ISA



Nhunguara: apa utilizado na produção de farinha de mandioca. Foto: Felipe Leal/ISA

1999

**EM BRANCO**

## Organização coletiva do trabalho

As tarefas na roça às vezes requerem a ajuda dos companheiros. O trabalho agrícola aciona diversas modalidades de organização coletiva do trabalho que estão intimamente ligadas às relações de parentesco e compadrio. Puxirões, reunidas, pojuvas e ajudórios expressam o hábito que os quilombolas têm de ajudar uns aos outros nas tarefas agrícolas. Os puxirões reúnem parentes, compadres e amigos e os encontros reforçam os laços comunitários. Quem organiza o puxirão é responsável pela alimentação, pela bebida e pelo baile. Nos bailes de puxirão costumavam dançar fandango, nhá maruca, mão-esquerda, dai-mão, cobrinha verde, rancheira, e outras danças conhecidas pelos antigos. Estas festas eram embaladas por músicos e cantadores locais: sanfoneiros, rabequeiros, violeiros e pandeiristas. São eventos que constituem um importante espaço de diversão na vida comunitária.



São Pedro: varação de canoa realizada em sistema de puxirão reúne diversas comunidades quilombolas. Foto: Anna Maria Andrade/ISA



**EM BRANCO**

## Roça e religião

A roça está ligada às expressões do catolicismo popular que caracteriza a vida religiosa da maioria das comunidades. No calendário anual de festas, historicamente, os festeiros e mordomeiros ofertam alimentos produzidos na roça. Muitos plantios são planejados para garantir fartura de alimento para quando chegar a época de uma celebração, seja ela uma Romaria de São Gonçalo, a Bandeira do Divino, ou as datas comemorativas dos santos celebrados nos quilombos. A relação entre roça e religião marca uma percepção de tempo ampliado: a preparação das festas começa meses antes, tempo suficiente para semear e esperar a colheita. Boa parte dos católicos deposita em Deus e nos santos a esperança de boas safras, dirigindo atitudes rituais com as plantações e criando uma dimensão sagrada com a roça.



Ivaporunduva: alimentos oferecidos pelos fiéis durante celebração de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Foto: Felipe Leal/ISA



**EM BRANCO.**

## Roça e território

Outro ponto a ser destacado é a relação do trabalho agrícola com o território. As roças são, desde as primeiras ocupações quilombolas no vale do Ribeira, vetores de dispersão territorial e imprimem um modelo de ocupação baseado nas capovas (ou capuovas ou capuavas). As capovas são áreas de plantio geralmente afastadas do espaço da moradia, definidas pela sua potencialidade agrícola. Nestes espaços, as famílias constroem paióis e abrigos, com tarimbas, para guardar os alimentos da roça e para pousar. Quando é tempo de trabalho na roça, chegam a ficar dias ou semanas, dividindo seu tempo entre a casa e a capova. Os novos núcleos de ocupação dentro dos territórios começaram assim, com a fixação de famílias na capova e, com o tempo e a ampliação das famílias, as casas foram sendo construídas no entorno.

Nas perambulações pelo território, seja para abrir novas capovas ou para acompanhar o desenvolvimento da plantação, surgem oportunidades para atividade de caça, que atualmente está praticamente extinta nos quilombos. São também nessas andanças que outro aspecto importante da sociabilidade quilombola é colocado em atividade: a transmissão de conhecimentos, por meio da experiência e da narração de histórias.



Abobral: retornando de uma visita à área histórica de plantio. Foto: Anna Maria Andrade/ISA



**EM BRANCO**





Bombas: indo para roça de milho. Foto: Anna Maria Andrade/ISA



Praia Grande: retornando de uma área de plantio. Foto: Anna Maria Andrade/ISA

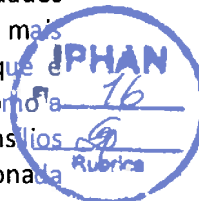


EM BRANCO



## Transmissão de conhecimentos

Com a idade de 7 a 10 anos, as crianças começam a acompanhar os pais na roça. Elas não são responsabilizadas pelo cumprimento de tarefas, apenas olham ou ajudam os pais em atividades leves que eles estiverem fazendo. As crianças e jovens observam e imitam a prática dos mais velhos. Assim aprenderam todos os lavradores que alimentam suas famílias com aquilo que é produzido na roça. Outros conhecimentos também são transmitidos no contexto da roça, como a identificação de espécies florestais que servem para fabricação de artefatos de madeira, utensílios de fibras, construção das casas, todo aquele conjunto de peças da cultura material mencionada acima.



As narrativas e causos de fatos reais ou ficcionais também são evocados em contextos de trabalho na roça, embora estes não sejam obviamente os únicos. As narrativas movimentam o imaginário, possuem caráter educativo na socialização dos mais jovens e entretêm adultos e crianças. Nas caminhadas para as capovas, passando por lugares históricos e taperas do caminho, os mais velhos puxam da memória as narrativas que explicam os nomes dos lugares, fatos que ali ocorreram, sejam eles de caráter histórico ou mítico. Parte dos causos envolve a aparição de assombrações, fenômenos inexplicáveis e personagens sobrenaturais. As narrativas são formas de transmitir saberes e de alertar para os perigos e mistérios do mundo. Estes saberes tornam o território um campo repleto de significado e inspiram um sentimento de pertencimento. Dessa maneira, o sistema agrícola contribui para os processos de territorialização

A reunião destas esferas que constituem a dinâmica sociocultural quilombola evidencia que o valor da roça é maior do que sua função de "matar a fome". A roça faz parte da identidade cultural dos quilombos do Vale do Ribeira e alimenta não só o corpo físico, mas também o imaginário, o valor de estar junto e compartilhar, a percepção dos ciclos da natureza, o pertencimento a um lugar, o legado deixado pelos mais velhos.

Os quilombolas identificam que, nos últimos anos, há um declínio da atividade agrícola. Falam da diminuição do tamanho das roças, da redução da diversidade de plantas cultivadas e do tempo e número de pessoas aplicados na atividade. Como já foi dito acima, o declínio da atividade agrícola impacta outras esferas de expressão da cultura quilombola, e coloca em risco os conhecimentos tradicionais associados ao sistema agrícola, mencionados anteriormente.

Diversos fatores foram mencionados nas entrevistas como motivos desse declínio: legislação ambiental que impede a abertura de novas áreas para roças; área insuficiente devido à presença de forasteiros no território; sobreposição de UCs nos territórios quilombolas; acesso ao mercado de trabalho assalariado nas fazendas vizinhas; programas assistenciais do governo; substituição da roça pelo plantio de monoculturas como banana e pupunha para comercialização; falta de assistência técnica rural; dificuldade para comercialização do excedente agrícola; e o distanciamento dos jovens na atividade agrícola. Na década de 70, a extração e comercialização do palmito também contribuiu para retirar muitos lavradores da terra.



**EM BRANCO**



Bombas: avô e neta vstam a roça da família. Foto: Anna Maria Andrade/ISA



**EM BRANCO**



Ivaporunduva: pai e filho barreando cozinha de pau a pique. Foto: Anna Maria Andrade/ISA



Praia Grande: madrinha e afilhada preparam pamonha. Foto: Anna Maria Andrade/ISA